



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à produtora Gullane Filmes, para o documentário sobre movimentos sociais

Palácio do Planalto, 19 de fevereiro de 2009

Obs: Integra do documentário dividido em cinco partes e exibido pela TV Brasil em janeiro e fevereiro de 2010

Jornalista: Presidente, a primeira pergunta: o brasileiro é pacífico?

Presidente: Eu acho que é pacífico. Eu acho que o brasileiro tem uma índole de saber o limite das coisas que ele faz. Talvez até por um pouco de tradição, porque se você pegar a história do continente latino-americano, a história do continente africano ou a história mundial, você vai perceber que grande parte dos conflitos brasileiros foram resolvidos na base da negociação. Até a nossa independência, enquanto em todos os países teve luta sangrenta, aqui no Brasil as coisas foram resolvidas numa conversa entre famílias. E depois, em vários episódios políticos, já depois da República, a gente percebe que quase tudo foi resolvido pacificamente. Isso não quer dizer que o povo brasileiro seja um povo neutro nas coisas, não. O povo brasileiro, em vários momentos... Você tem, na história do Brasil, várias revoltas em vários estados, em momentos históricos, em que as pessoas foram massacradas. Tem Canudos, que é um exemplo possivelmente mais conhecido do povo brasileiro, depois teve 1964. Mesmo assim, se comparar 1964 no Brasil com a Argentina, com o Chile, você vai perceber que no Brasil as coisas foram muito mais suaves do que naqueles países onde a coisa foi sangrenta.

Eu acho que o povo brasileiro tem um espírito negociador. Eu acho que as pessoas sabem que têm que lutar para serem respeitadas, sabem que tem que gritar, mas as pessoas têm um limite também de entender o momento de



fazer a negociação. Eu vou dar um exemplo duro para você entender. Eu acho que no Brasil nós jamais teríamos um Gorbachev, um cara que destrói uma potência mundial e no dia seguinte concorre à eleição e só tem 0,6% dos votos. Ou seja, ele destruiu e não colocou nada no lugar. Aqui nós jamais teríamos um Saddam Hussein, que conta mentira para o povo o tempo inteiro, dizendo que tem arma química e que vai derrotar os americanos, e termina a vida enterrado em um buraco porque não tinha armas químicas, que até em certos momentos, o mundo torcia para que tivesse mesmo. Aqui no Brasil não aconteceria isso. O povo é capaz de lutar, mas é capaz de saber o momento em que tem se sentar à mesa para negociar. Eu acho que essa é uma vantagem e uma coisa extraordinária no povo brasileiro.

Veja a nossa meninada que foi para a luta armada, nos anos 70. Essa meninada brigou, lutou, perdeu gente, errou, acertou, mas quando veio a anistia não houve nenhum trauma. As pessoas concordaram que era possível criar um clima de pacificação nacional. Hoje tem gente que não concorda, mas é uma minoria. A maioria das pessoas se dá conta de que foi bom para o País que a gente tivesse a anistia do jeito que a gente teve. O que é isso? É a construção da política no limite do possível. Chega uma hora em que você fala: bom, daqui para a frente, o que vai acontecer? Aí você se senta à mesa para conversar. Essa é uma vantagem extraordinária, que eu acho que é própria do povo brasileiro.

Jornalista: Por que você acha que surgiu essa capacidade de negociar, em uma história que é marcada por tanta violência, da escravidão e etc? Existiram outras violências que vieram ao longo da história, mas...

Presidente: Talvez a nossa formação religiosa, talvez o papel que a igreja católica que, no passado, teve um papel muito mais violento contra outros povos do que aqui no Brasil, na própria escravidão. Eu acho que a nossa



religiosidade faz com que a gente seja um pouco mais tranquilo, um pouco menos nervoso do que qualquer outro povo. Todo momento em que você olhar, você vai perceber que, embora tenha tido a chacina dos escravos - não tem nada mais bárbaro do que a escravidão, não tem nada mais grave do que o que os Bandeirantes fizeram com os índios brasileiros – mas você percebe a capacidade de conciliação.

A coisa no Brasil é tão conciliatória que os portugueses, em 1792, enforcaram Tiradentes e, logo em seguida, transformaram-no em patrono do Exército brasileiro. Essa é uma capacidade extraordinária de transformar o teu inimigo maior no teu herói maior. Por que fizeram isso? Por que a Coroa portuguesa tomou essa decisão? Certamente, para que o povo não se apoderasse de Tiradentes, certamente.

Se você quiser comparar esse fato com a eleição do Tancredo Neves, por que nós não ganhamos as eleições diretas aqui em 1985 e fomos para o Colégio Eleitoral? É porque naquela época entendia-se que o doutor Ulysses Guimarães era muito esquerdista para ser o presidente da República e que não ia ter o apoio dos militares. Então, criou-se as condições políticas de mudar de “Diretas já” para “Mudança já”, e que o Tancredo Neves era uma pessoa mais palatável para ser assimilado pelos militares. Essa é a história do Brasil.

Jornalista: Aproveitando que falamos um pouco da escravidão e dos índios, o que você acha que mudou ao longo desses 500 anos de história, no lugar dos negros dentro da sociedade brasileira e no lugar dos índios dentro da sociedade brasileira?

Presidente: Vamos pegar dois momentos. Se você pegar, na Revolução Pernambucana, em 1817, ou na Confederação do Equador, em 1924, você vai perceber o quê? Que as pessoas da elite brasileira do Nordeste mais avançadas entendiam que era preciso trazer os índios e os escravos para



lutarem junto delas, e os mais conservadores diziam: “Não vamos convidá-los porque se eles ganharem junto conosco, depois os adversários seremos nós e eles vêm para cima de nós”. Então, sempre houve uma certa distância. Nós aprendemos na escola que o índio era preguiçoso, que o índio não trabalhava.

Agora, compare o que aconteceu com os índios aqui e compare o que aconteceu com os índios nos países da América Central e no próprio México, onde o massacre foi muito mais violento, possivelmente porque os índios lá tinham uma cultura eminentemente muito mais avançada. Até hoje se constata que, em algumas coisas, eles eram mais avançados do que nós somos hoje, e aqui nós não tínhamos essa cultura tão avançada, dos maias, dos incas.

Essa violência que praticamente dizimou os índios, também fez com que nós chegássemos aos dias de hoje com uma consciência maior de que é preciso a gente reconstruir a cidadania indígena, sobretudo recuperar os seus valores culturais. Hoje nós temos 13,3% do território brasileiro demarcado como terra indígena. Eles eram 200 e poucos mil, 15 anos atrás, já são 700 mil. Ainda falta muito por fazer, mas já há uma consciência na sociedade, e qualquer governo que entrar no Brasil sabe que é preciso ter sempre políticas especiais para que a gente possa preservar a origem do Brasil.

Na questão dos negros, eu tenho dito, e graças a Deus nós conseguimos aprovar no Congresso, que o problema dos negros no Brasil é a gente, primeiro, contar para as nossas crianças, a história verdadeira da escravidão. Os negros não eram escravos. Eles eram livres e se transformaram em escravos no Brasil, nos Estados Unidos, em Cuba, em outros países do Caribe e da América Latina. Já há hoje uma consciência maior também.

Você percebe que não basta colocar na Constituição, porque a Constituição brasileira prevê crime inafiançável para qualquer coisa de preconceito ou de discriminação. Entretanto, eles existem, eles estão na alma das pessoas. De vez em quando você encontra quem fala: “Você conhece fulano de tal?” “Conheço.” “Aquilo é um negro de alma branca.” De vez em



quando você encontra isso. Está embutido na massa encefálica do povo brasileiro, que vai mudar, eu diria, nas futuras gerações, quando a gente... Não é apenas uma questão de escolaridade. É uma questão de debate político, porque se fosse assim, de escolaridade, não tinha o preconceito que tem na Europa contra o negro. Aqui no Brasil ainda o preconceito é contra o negro pobre. Ninguém tem preconceito contra o negro rico. Mas nos Estados Unidos o preconceito é contra o negro rico. Na Europa o preconceito é contra um negro que é o ídolo maior de um time de futebol. Até o Roberto Carlos, que não se considera negro, foi admoestado pela torcida num jogo do Real Madrid.

Eu acho que nós avançamos muito. Quando eu criei, aqui no Brasil, a Secretaria da Igualdade Racial, que transformei em Ministério, no começo parecia absurdo. Mas é um problema grave que trata de metade da população brasileira, e é tão grave que muitos negros não se sentem negros. Então, é um preconceito de 500 anos, meu filho, pelo menos de 300 anos, e vamos levar algumas décadas para que a gente possa ter uma sociedade mais ou menos equilibrada e que o preconceito seja tirado do nosso dicionário.

Eu acho que nós estamos evoluindo. Acho que nós tivemos um retrocesso, eu diria, em quase todo o começo do século XX até o final, mas eu acho que depois da Constituição de 1988, sobretudo, nós criamos marcos legais que permitem uma cidadania maior para os indígenas, para os negros no País, e para as mulheres também. A Constituição de 1988 cria condições legais [para] que as pessoas tenham o direito de não aceitar o preconceito de forma nenhuma.

Jornalista: As mulheres, são um capítulo importante. O Brasil é considerado uma sociedade, em geral, machista. O poder é dos homens. As lutas das mulheres aparecem muito pouco na nossa história e, no entanto, elas são maioria da população. Como você vê o papel das mulheres ao longo da nossa história?



Presidente: Por acaso, esses dias eu estava vendo um filme de uma americana que lutou pelo direito de voto da mulher. Eu não me lembro do nome dela. Se eu falar aqui e estiver errado, vocês cortam no documentário: Patricia Power. Era uma mulher... É um filme muito interessante. Essa mulher foi presa, ela foi torturada. Isso, em 1920. No Brasil, nós tivemos o voto em 1934, na Constituição de 1934. A evolução das conquistas das mulheres no Brasil, eu acho que ela anda a passos largos. As mulheres conquistaram direitos, nos últimos anos no Brasil, muito fortes. Mas entre você conquistar um direito e conquistar o seu espaço de cidadania, de ser reconhecido pela sociedade, há uma diferença enorme. Esses dias eu tive uma reunião com quase 5.200 prefeitos. De todos os prefeitos eleitos no Brasil, só 9% eram mulheres. Nós criamos, fizemos um esforço no movimento sindical, nos partidos hoje mais avançados, você tem cota de mulheres. Ou seja, no fundo, no fundo não precisava ter cota porque elas são maioria, mas a cota é para você garantir um segmento da sociedade que não estava habituado a participar de política. Até porque você tem dois tipos de visão sobre o papel da mulher. Você tem a mulher de classe média, mais politizada, que tem uma compreensão, e você tem, do outro lado, a maioria pobre que tem a compreensão de que a mulher... o papel dela é mais caseiro. Isso está mudando. Eu lembro quando eu fiz o congresso, o primeiro congresso das metalúrgicas brasileiras em 1974, foi o primeiro congresso de mulher que nós fizemos no Brasil, o escândalo que parecia ser, as divergências com as feministas que queriam que as mulheres tivessem um discurso que elas não estavam habituadas a ter e eu me lembro de uma coisa que marcou a minha vida: as feministas iam normalmente para o encontro um pouco mal vestidas e as mulheres iam, as metalúrgicas iam com o que tinham de melhor, o melhor sapato, o melhor vestido, toda pintada, porque ir ao sindicato para elas era sair de casa, era um passeio.

Graças a Deus essas divergências conceituais estão diminuindo, houve



uma evolução da sociedade brasileira, das mulheres trabalhadoras que estão mais organizadas, as donas de casa estão percebendo que elas têm mais direitos. Eu, de vez em quando, culpo o PT por uma parte das coisas que aconteceram. Logo que eu casei – eu conto para todo mundo isso – a Marisa é filha de italiano, criada com uma educação italiana, em que a mãe da Marisa falava: “Olhe, se seu marido um dia chegar bêbado em casa, você nunca brigue com ele quando ele chegar. Você tem que esperar ele acordar no dia seguinte para você brigar com ele. Quando ele chegar você dá comida para ele, você faça as coisas para ele, só brigue no dia seguinte”. Parece uma coisa absurda, mas esse conselho vale hoje. Se você quiser evitar violência dentro de casa e o marido de uma mulher, seja de classe média ou pobre, chega em casa meio chapado... A hora em que ele está chapado não é hora de fazer discussão.

E eu lembro sempre que a Marisa – eu chegava 10, 11 horas da noite – a Marisa estava lá me esperando e fazia comida para mim. E aí começou com o Sindicato, começou o PT, eu comecei a chegar em casa às 9 e falava: Marisa, e a janta? “Vai esquentar”. Eu percebi que começou assim uma evolução exagerada. E aí é uma conquista extraordinária porque aí você tem que aprender a esquentar a sua comida, você tem que aprender a lavar o seu prato, que parece uma coisa ruim no começo, mas quando você vai evoluindo politicamente também, começa a compreender que se a gente fizer as coisas a dois ou a três, fica muito mais fácil, é menos trabalho para todo mundo, é menos sofrimento para todo mundo. Houve um tempo em que eu tentei educar os meus filhos: cada um acaba de comer, pega o seu copo, os seus talheres e seu prato, e vai lavar. Isso é uma coisa extraordinária. Na minha casa a gente quase nunca... Eu comprei uma máquina de lavar que enferrujou sem usar, porque precisava colocar um tanto de pratos para lavar, depois precisava pegar um papelzinho e passar no prato. Então, era melhor ir à pia e lavar. Cada um lava o seu, não custa nada para ninguém. E aí facilita.



Então, voltando à questão das mulheres, eu acho que as mulheres ainda têm muito a conquistar, muito menos do ponto de vista legal, mas muito mais do ponto de vista de mudar a cabeça dos homens, é a nossa cabeça que tem que mudar. A lei já mudou. Agora, nem todo mundo que fez a Constituição de 88 ou que fez a Lei Maria da Penha respeita a lei que fez. Porque essas coisas aparecem muito no meio dos pobres: “É o pobre que bate em mulher”. Não. Na classe média e na classe rica tem gente que bate na mulher, tem gente que abusa sexualmente da filha, e isso não aparece. Isso fica muito na mão das pessoas pobres, porque ninguém tem vergonha de dizer que o pobre fez aquilo. Então, eu acho que a lei garante, mas ainda falta uma mudança substancial, que é a cabeça do ser humano mudar para compreender que a igualdade é a coisa mais extraordinária na convivência entre homem e mulher.

Jornalista: O senhor atravessou a sociedade brasileira inteira, de operário a Presidente. O que o senhor leva disso? Por mais ingênuo que pareça, o que é o Brasil dentro dessa perspectiva? O senhor fez comício cercado pelo Exército armado. Qual é a lembrança de fazer política sob ameaça de tanques e fuzis?

Presidente: Eu penso que o Brasil e o mundo mudaram tanto, que isso significa conquista da sociedade brasileira. Há 30 anos ou há 20 anos era impensável um metalúrgico dizer que ia ser presidente da República, e ser presidente da República. Como agora era impossível dizer que um negro ia ser presidente dos Estados Unidos, e um negro virou presidente dos Estados Unidos. Como há 20 anos era impensável imaginar que um índio ia ser presidente da Bolívia, e que um bispo iria quebrar a tradição de 60 anos do partido Colorado, no Paraguai. Você percebe? Há uma evolução, muitas vezes não descrita pelos formadores de opinião pública, porque também ninguém forma opinião pública ficando sentado em uma cadeira, analisando a vida dos outros. É preciso colocar o pé na massa para ver o que está acontecendo no



meio da sociedade. E, de repente, esse fenômeno extraordinário.

Eu vou te dar um exemplo. Em 1985, a Folha de São Paulo fez uma matéria comigo, em que eu dizia: é impossível chegar à eleição pelo voto, chegar ao poder pelo voto. Quatro anos depois, eu tive 47% dos votos neste país. Depois disso eu me dei conta de que não tem coisa melhor do que o exercício da democracia, porque o exercício da democracia é a capacidade de vender teses, de difundir, de criar doutrinas, de convencer as pessoas. Veja, eu perdi três eleições. Não é pouca coisa perder três eleições, qualquer um teria desanimado. E eu virei presidente da República.

O Evo virou presidente. Pegue a América Latina como histórico para você perceber a evolução extraordinária que nós tivemos no mundo. Na África do Sul, quando se deram conta de que os negros eram maioria, um branco só será eleito lá no dia em que os negros não quiserem mais eleger um negro. É uma descoberta simples: se nós somos maioria, por que nós temos que eleger um diferente de nós para ser presidente? Eu acho que essa coisa aconteceu na América Latina, está acontecendo na África, aconteceu nos Estados Unidos, e eu espero que aconteça na Europa.

Então eu acho que houve uma evolução extraordinária. Em 1978, para contar a história verdadeira, em junho eu dizia: eu não gosto de política e não gosto de quem faz política, em junho eu dizia isso. Em outubro eu estava em um palanque, fazendo campanha para o Fernando Henrique Cardoso ser candidato ao Senado. Em [19]80 eu estava criando um partido político. Em [19]82 eu estava sendo candidato a governador. Em 2002 eu virei presidente da República. Isso em um processo de 20 anos, o que significa que a democracia permite que a gente faça greve, que a gente grite, que a gente faça piquete, que a gente apanhe da polícia, que a gente faça um monte de coisas, mas ela permite também que você possa chegar ao poder.



Jornalista: Me diga uma coisa: você acha que não só os países mudaram, mas que as elites desses países mudaram também?

Presidente: Eu acho que ainda falta muito. Obviamente que se você pegar a mentalidade empresarial de hoje, no Brasil, com a mentalidade de 1978, quando eu era presidente do Sindicato, a evolução é da água para o vinho. É bem verdade que não abriram mão dos lucros, ainda. Mas há uma evolução política, há uma compreensão política maior do empresariado, há uma relação melhor com o movimento sindical. No meu tempo, para um trabalhador entrar com um boletim dentro da Volkswagen, ele tinha que colocar o boletim dentro da meia ou dentro da cueca, cobrir com a camisa. Hoje não, hoje jornal de sindicato é distribuído na linha de montagem, cada um vai lá e pega o seu, e não tem nenhum problema. Hoje nós temos comissão de fábrica nos sindicatos mais importantes. A evolução foi grande, mas nunca vai deixar de existir a luta de classes, nunca vai deixar de existir, e ela é boa para a democracia. A verdade é que esses conflitos são bons para a democracia. Hoje, que estou presidente da República, e vejo os movimentos fazerem greve, comigo no governo, eu que conheço o outro lado como a palma da mão, e agora estou na Presidência, eu acho que no fundo, no fundo, a gente pode até não gostar, mas essas mobilizações e essas manifestações fazem com que a gente entenda que a sociedade está viva, que está brigando e está disposta a gritar e a denunciar. E isso é bom. Para quem tem consciência política da importância da democracia, da importância do movimento social, eu acho isso extraordinário. Eu posso não gostar naquele momento, mas quando eu chego aqui dentro, falo: espera aí, eu não posso, daqui, estabelecer a realidade do meu país ou a realidade do mundo, ou a realidade ou a verdade absoluta, não. Eu tenho que perceber que a sociedade está viva e em cada segmento tem uma pessoa que concorda, que discorda, uma que quer mais, uma que quer menos, e o bom da



democracia é você deixar as pessoas extravasarem, falarem, gritarem, e aí elas vão conquistando.

Eu aprendi, aqui na Presidência, uma coisa que eu não tinha noção quando eu era presidente do Sindicato: é que o desejo de conquista é insaciável. Pobre do governo que dá 10% de aumento, achando que aquilo vai contentar os trabalhadores. Aquilo vai despertar no trabalhador vontade de pedir mais 10, porque se ele ganha 10, ele passa a ter um pouquinho mais de direito, passa a comer um pouquinho mais, um pouco melhor. Qual é a tendência natural? Ele quer um pouco mais. Aí, se ele conquista um pouco mais, qual é a tendência natural? É ele querer um pouco mais. Isso é o gostoso da democracia e é o que fortalece uma sociedade e dá dinamismo a ela.

Jornalista: Presidente, e a violência? Zumbi lutou, os índios sobreviventes lutaram, o senhor enfrentou polícia e Exército, há muitos ministros do governo que participaram da luta armada. Em certos momentos, é necessário recorrer à violência para avançar?

Presidente: Veja, depende da circunstância política. Tem situações em que o povo não teve outro jeito senão recorrer à luta armada para se fazer valer, para se fazer respeitar. Eu acho que a gente... Por mim, tudo seria resolvido pacificamente, mas nós temos que entender que a dinâmica da sociedade é uma coisa absurda. Se você pegar alguns países africanos, vai perceber que a luta pela independência foi menos genocida do que a luta entre grupos internos depois que conquistaram a independência. Angola é um exemplo disso, Guiné-Bissau é outro exemplo. A luta pela independência uniu todo mundo. Depois que conquistaram... Somente em 2002 é que Angola começou a ter um pouco de paz e agora está crescendo a 20% ao ano.

Então, eu penso que nós temos que avaliar a conjuntura a cada momento. Você não pode ser contra uma atitude hoje a vida inteira, se você



não analisar o momento em que se deu aquele fato. Muitas vezes as pessoas radicalizam porque são induzidas pelo radicalismo do outro lado, muitas vezes as pessoas viram violentas pela violência do outro lado. Então, eu acho que a gente não pode nem condenar e nem achar que é tudo normal. Eu sou daqueles que acham que uma boa negociação vale mais do que qualquer disputa na violência.

Jornalista: Eu acho que tem violência na democracia, violência na ditadura, como você está falando. Agora, eu pergunto uma coisa: existe um número elevadíssimo de assassinatos no Brasil, muita gente fala em guerra civil. Você acha que o Brasil vive em guerra?

Presidente: Olha, deixe-me dizer uma coisa. Nós vivemos, hoje, o resultado da criação de uma geração e meia para trás. Se a gente for analisar o que é um jovem de 22 anos hoje, o que é um jovem de 24 anos hoje, o que é um jovem de 18 anos hoje, vamos perceber que esse jovem é filho de um momento em que a economia brasileira ficou atrofiada e esse jovem não teve oportunidade de estudar, esse jovem não teve mercado de trabalho para ele e que, muitas vezes, a chance que ele tinha era o narcotráfico, era o crime organizado, ou seja, ele era um jovem praticamente sem perspectiva.

Quando eu vejo um jovem de 20 anos ser preso, ou de 22 anos, fico me perguntando: espera aí, e as pessoas que elaboraram a política econômica deste país, que resultou nisso, não são presas, só as vítimas delas é que são presas?

Como é que se enfrenta isso? Nós partimos da compreensão de que não é a polícia que vai resolver esse problema. A polícia pode dar segurança para as pessoas não serem vítimas dessa violência. Mas essa violência vai acabar na medida em que, primeiro, se desperte na juventude brasileira um sonho, uma esperança; segundo, que ele veja o papel do Estado junto com ele.



Por isso, eu vou lhe contar uma história: nós temos um programa chamado ProJovem. Esse ProJovem prevê, até 2010, a gente tirar da marginalidade 4 milhões e meio de jovens de 17 a 24 anos que pararam de estudar e que por isso não têm mercado de trabalho. Nós estamos pagando R\$ 120,00 para eles, para que eles voltem a estudar e, nesse estudo, a gente ensine uma profissão para eles adentrarem o mercado de trabalho. Isso é feito em parceria com as prefeituras municipais.

Depois, nós temos o programa Segundo Tempo, que é um programa que envolve hoje mais de 1 milhão de jovens, que é preencher o espaço do jovem: se ele estuda à tarde, praticar esporte de manhã; se ele estuda de manhã, praticar esporte à tarde. Depois, nós temos o ProUni, depois nós temos o programa Bolsa Família, que leva para as pessoas a possibilidade de ter o que comer. Esse conjunto de coisas fez com que a gente pensasse em criar o Pronasci. O que é o Pronasci? É levar para dentro das favelas, junto com as obras de infraestrutura, você levar não apenas o policial para bater, mas você levar o policial comunitário para conviver com a comunidade. Você ter as Mães da Paz, que são mulheres de dentro da própria comunidade que vão às casas das pessoas tentar conversar com as pessoas e tentar demover o jovem da violência. A prisão para um delinquente agora vai ser diferente. Ele não vai ter na prisão um castigo, ele vai ter na prisão a oportunidade de estudar. Nós, quando estamos atacando, hoje, as favelas do Alemão, Complexo de Manguinhos, Pavão-Pavãozinho e Rocinha, nós queremos levar... vai ter cadeia lá dentro, vai ter policial lá dentro, mas vai ter o quê? Vai ter biblioteca, vão ter postos de trabalho, vai ter possibilidade de pequenos empreendedores, vai ter cultura. Ou seja, nós estamos querendo fazer com que as pessoas percebam que o Estado está lá dentro junto com elas. O Estado não é o inimigo, e nem elas são inimigas do Estado. O Estado tem que cumprir com a sua parte para poder exigir que elas cumpram com a parte delas.

E trabalhando do jeito que nós estamos trabalhando com governadores e



com prefeitos, é a melhor oportunidade que eu vejo para que a gente possa diminuir a violência no Brasil. Você tem um contingente muito grande dessa juventude, que é originária das décadas perdidas, da dívida externa brasileira, e você tem uma nova geração que você está criando. Qual é o desafio nosso? É não permitir que novos jovens entrem nisso e tentar recuperar os jovens que vieram das décadas passadas. É um trabalho difícil, é um trabalho delicado, mas eu penso que o Estado, se fizer o seu papel, ele vai resgatar. Se nós gerarmos emprego para essa gente...

Eu vou lhe contar uma história. Eu falei do ProJovem, falei do Pronasci, falei dos programas da juventude, mas é importante lembrar dos pontos de cultura que nós estamos criando no Brasil inteiro, é importante lembrar da quantidade de escolas técnicas profissionais que nós estamos criando no Brasil, é importante lembrar da quantidade de estudantes do ProUni, da quantidade de universidades que nós estamos fazendo, 98 extensões universitárias para o Brasil inteiro. Certamente, se a gente tiver, depois que eu deixar a Presidência, mais dois ou três mandatos presidenciais que deem sequência a esse crescimento, a gente pode chegar, daqui a 15 anos, 20 anos, a ter o Brasil normalizado na questão da violência.

Jornalista: Falando em termos de futuro, como você imagina que o Brasil será em 2100 e como você gostaria que o Brasil fosse em 2100?

Presidente: Na cabeça, eu fico pensando que eu tenho, se Deus ajudar, mais uns 15 anos de vida, mais uns dez, sei lá quantos. Depois dos 60, tudo pode acontecer. Mas eu acho que o Brasil atingirá um padrão de mundo socialmente justo, um país altamente garantidor dos direitos humanos, até porque não vai ser o Brasil só, o mundo vai evoluir até lá. Mas acho que o Brasil estará equiparado aos países mais importantes do mundo, do ponto de vista das conquistas sociais, das possibilidades de conquista da cidadania das pessoas,



com escola como direito fundamental, a universidade efetivamente para todos e não apenas para alguns poucos. Eu penso que o Brasil vai atingir um padrão... Não tem hoje um modelo bonito que eu gostaria que o Brasil fosse, até porque pensando cem anos para a frente, é importante a gente lembrar que na década de 40 o Brasil era a África de hoje. As previsões do IBGE e da Fundação Getúlio Vargas são de que, em 2050, o Brasil será a França, e a África poderá ser o Brasil de hoje. Eu acho que em 50 anos, pela evolução do Brasil, acho que nós seremos muito maiores do que a França é hoje. Eu espero que a gente esteja igual à França do ano... igual aos outros países mais avançados no ano... daqui a cem anos. Porque muita coisa vai mudar. Todo mundo trabalha com a ideia de que haja uma evolução tecnológica de tal magnitude que a gente não seja obrigado a parar os costumes de consumo da Humanidade. Imagine uma coisa simples: com as matérias-primas que nós temos hoje no mundo, se a gente quisesse garantir ao povo brasileiro, ao povo pobre do mundo, o poder [padrão] de vida que tem o alemão, o planeta Terra deveria ser três vezes o que é. Ora, como ele não vai poder crescer, ele vai ser o que é, e as matérias-primas vão cada vez diminuir mais, você percebe? Haverá que ter um gênio ou, quem sabe, muitos gênios, que pensem formas de a gente ter acesso a bens materiais sem precisar destruir o planeta, ou seja, não sei se a gente vai comer pílulas, não o que vai acontecer, se a gente não vai ter carro, vai ser o transporte da matéria, ou seja, você entra numa maquininha, como nos filmes de ficção, e fala: “Bom, hoje eu estou querendo ir para Garanhuns, conhecer a terra em que o Presidente nasceu”. Você entra na maquininha, o cara aperta o botão, você chega em Garanhuns na maquininha. Isso hoje é filme de ficção, mas, olhe, daqui a cem anos, se aumentar o poder aquisitivo de muita gente, não vai ter espaço para os aviões andarem, nós vamos ter: “O espaço está ocupado”, como já estão ocupadas as ruas do Rio de Janeiro e as ruas de São Paulo hoje.

Eu acho que em cem anos, se você imaginar o que nós evoluímos no



século XX, se você imaginar a revolução do século XX, imagine a revolução que você vai ter no século XXI, com muito mais universidades, com muito mais necessidade da humanidade.

Então, eu acho que nós vamos ter... Eu, se tivesse tendência de ser Oscar Niemeyer, eu poderia pensar em viver pelo menos até 2050. Mas como ninguém pode saber se Deus me escolheu, eu acho que os meus netos vão viver num mundo infinitamente mais justo do que o meu. Até porque se piorar vai ser barbárie no mundo inteiro.

E eu acho que os governantes, as futuras gerações de governantes... Hoje já há uma preocupação com a questão climática, com a questão ambiental, mas as futuras gerações de governantes, daqui a 20, 30 ou 40 anos, esse será o tema principal. Eu fico pensando que até, um dia, você vai ter que ter uma governança global, você vai ter que tomar decisões, talvez, numa coisa multilateral, como as Nações Unidas, mas que tenha poder de regular, que tenha poder de dizer para os Estados Unidos: “Olha, vocês vão diminuir a quantidade de gás de efeito estufa que vocês jogam no ar”. De dizer para o governo brasileiro: “Olha, vocês vão ter que colocar na cadeia qualquer cara que cortar uma árvore sem consentimento”. Eu acho que vai chegar um dia que vai acontecer isso, porque senão o mundo ingovernável termina em guerra. E eu acho que nós suportamos a primeira, suportamos a segunda, uma terceira guerra... eu acho que quem vai ser prejudicada é a humanidade, não vai ser um outro país.

De forma que eu sou mais otimista para o século XXII do que hoje, mas sou muito otimista hoje. Eu acho que... queria terminar dizendo o seguinte: as lutas sociais que aconteceram neste Brasil, todas elas, sem distinção, aquelas com que a gente concorda ou com que a gente não concorda, todas elas serviram para que a gente aperfeiçoasse um milímetro a mais na conquista da nossa democracia.



Jornalista: Muito obrigado pela entrevista.

Presidente: Obrigado a você, querido.

(\$31DHJLP)